

# *Personal Helicon*

*For Michael Longley*

Seamus Heaney

Seamus Heaney

As a child, they could not keep me from wells  
And old pumps with buckets and windlasses.  
I loved the dark drop, the trapped sky, the smells  
Of waterweed, fungus and dank moss.

One, in a brickyard, with a rotted board top.  
I savoured the rich crash when a bucket  
Plummeted down at the end of a rope.  
So deep you saw no reflection in it.

A shallow one under a dry stone ditch  
Fructified like any aquarium.  
When you dragged out long roots from the soft mulch  
A white face hovered over the bottom.

Others had echoes, gave back your own call  
With a clean new music in it. And one  
Was scaresome for there, out of ferns and tall  
Foxgloves, a rat slapped across my reflection.

Now, to pry into roots, to finger slime  
To stare, big-eyed Narcissus, into some spring  
Is beneath all adult dignity. I rhyme  
To see myself, to set the darkness-echoing.



# *Hélicon Pessoal*

Seamus Heaney

Quando criança, não conseguiam me afastar de poços  
E velhas bombas com baldes e cordames.  
Eu amava o abismo escuro, com o céu enclausurado,  
Os odores de águas mortas, fungos úmidos.

Uma vez, numa olaria, do alto de uma tábua podre,  
Saboreei o rico estrondo de um balde  
Na ponta de uma corda, caindo direto  
Tão fundo que não se via nenhum reflexo.

Um raso seco num poço de pedra  
Fecundava como qualquer aquário.  
Quando eu arrancava raízes  
de vegetais em decomposição  
Uma cara branca tremulava embaixo.

Outros poços tinham ecos,  
devolviam meu próprio chamado,  
Com música nova e clara. E um  
Era assustador, pois lá, no meio de samambaias  
e dedaleiras, um rato patinhava em meu reflexo.

Hoje, espiar raízes, apalpar lama,  
Olhar, com olhos de Narciso, alguma fonte,  
Está abaixo de toda dignidade adulta. E rimo  
Para ver eu mesmo, e fazer ecoar a escuridão.

Translated by *Millôr Fernandes\**

\* In: "Caderno Mais!" *Folha de S. Paulo*, 19.11.2000.

# *Hélicon Pessoal*

*Para Michael Longley*

Seamus Heaney

Em criança, que ninguém me tirasse os poços  
E velhas bombas de água com baldes e sarilhos.  
Gostava da gota no escuro, do céu preso em água,  
De odores e ervas, fungos e musgos húmidos.

De um, numa fábrica, sob tábuas podres,  
Gozava o som opulento que um balde fazia  
Mergulhando na ponta de uma corda.  
Tão fundo que o reflexo não se via.

Menos fundo, à sombra de um talude,  
Um outro era fértil como um aquário.  
Ao puxar longas raízes de um macio lodo  
Pairava sobre o fundo uma face pálida.

Outros tinham ecos, devolviam-nos a voz  
Com música nova e depurada. E havia um  
Que assustava, porque lá, de entre fetos e altos  
Dedais, uma ratazana bateu na minha imagem.

Agora, perscrutar raízes, pôr a mão na lama,  
Olhar uma nascente, qual Narciso esgazeado,  
Não o consente a dignidade adulto. Faço a rima  
P'ra ver o meu reflexo, e pôr a escuridão a ecoar.

Translated by *Rui Carvalho Homem*\*

\* In: *Seamus Heaney. Da Terra à Luz. Poemas 1966-1987*. Tradução, Prefácio e Notas de Rui Carvalho Homem. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.